

URUGUAI

Os novos fatos desta grande crise

"O cargo que recebi por vontade expressa e soberana do povo uruguaio só cederei a quem também conquistá-lo através do único e legítimo caminho do voto", disse ontem a noite o presidente Juan Maria Bordaberry, em discurso transmitido por uma cadeia nacional de rádio e televisão.

As palavras de Bordaberry, pronunciadas em tom dramático segundo alguns observadores, lançavam um fato novo na crise uruguaia, agravada momentos antes com o comunicado do comando geral do Exército informando sobre o processamento, pela Justiça Militar, do líder político Jorge Batlle Ibañez.

"O país tem vivido e vive horas tensas e de preocupação", disse Bordaberry. "Eu as tenho vivido tal como os senhores, talvez mais que os senhores. Hoje, sinto que é meu dever dirigir uma palavra de confiança e tranquilidade ao povo uruguaio, e pedir, uma vez mais, a sua confiança."

"Queira Deus que estas horas de triste preocupação sejam cada vez menos frequentes. Mas se tal não acontecer, não temam que eu não cumpra com o dever de guardar a Constituição e as leis; porque essa é a minha missão e porque só no mandato e na confiança dos senhores se afirmam o direito e o ânimo de seu presidente."

A prisão de Batlle na sexta-feira provocou grande ressentimento nos políticos civis uruguaio, que viram no ato mais uma comprovação de suas denúncias sobre a crescente interferência dos militares nos assuntos do governo. No sábado, três ministros filiados à facção liderada por Batlle no Partido Colorado — Francisco Forteza, Economia; Julio Sanguinetti, Cultura, e Walter Pintos Riso, Obras Públicas — apresentaram sua renúncia irrevogável a Bordaberry.

Julio Maria Sanguinetti, um dos três ministros demissionários, disse então que o país se sentia agravado "por fatos que têm diminuído a autoridade do presidente da República e conduzido o Exército a atitudes políticas". Referiu-se, também, a "uma remenda, indisciplina militar", evidenciada na recente desobediência a uma ordem do ministro da Defesa, Augusto Legnani (que renunciou há 10 dias), de colocar em liberdade quatro médicos que continuavam detidos num quartel, apesar de terem sido absolvidos pela Justiça Militar. A desobediência provocou ainda a renúncia do comandante do Exército, Florencio Gravina.

Batlle Ibañez foi preso sexta-feira e submetido à Justiça Militar por ordem do presidente Bordaberry, a pedido dos militares, que se sentiram ofendidos pelas expressões usadas pelo político num programa de televisão, na quarta-feira passada.



Jorge Batlle (de costas), ao ser preso.

BORDABERRY PODE PERDER A MAIORIA PARLAMENTAR

As consequências da prisão de Batlle são analisadas por Julio Villaverde, da Latin.

No congresso, não se sabe ainda qual a atitude que deverão tomar os 5 senadores e 12 deputados correligionários de Batlle, os quais se decidirem retirar seu apoio ao primeiro mandatário, este ficaria sem maioria parlamentar.

Os 17 legisladores, bem como os ministros demissionários, se solidarizaram com Batlle e, em uma declaração pública, tornaram suas as expressões do líder político que determinaram sua prisão.

Paradoxalmente, as bancadas desse grupo político, denominado "Unidade e Reforma", tiveram preponderante atuação na sanção de várias iniciativas do Poder Executivo, incluindo a vigente suspensão de garantias individuais e a lei de segurança do Estado, usadas pelas Forças Armadas para deter Batlle, derrotado candidato presidencial nas eleições do ano passado.

O líder do setor majoritário do Partido Blanco, de oposição, senador Wilson Ferreira Aldunate, durante um programa de televisão, ofereceu também sua ajuda ao chefe de Estado "para defender as instituições".

O presidente Bordaberry encontra-se envolvido agora com a difícil tarefa de encontrar novos ministros para as três pastas vagas, entre os setores que permanecem ligados ao governo.

Em meios políticos, estima-se que, simultaneamente, será resolvida a situação do Ministério da Defesa, ocupado internamente pelo secretário de Agricultura, Benito Medero, há dez dias, quando demitiu-se Augusto Legnani ao ser desautorizada sua ordem de libertação de quatro médicos detidos em unidades militares.

Os três Ministérios abandonados pela "unidade e reforma" tiveram ativa participação em oito meses de vida do atual governo e são considerados a chave na atual situação uruguaia, principalmente o de Economia e Finanças, ocupado por Francisco Forteza.

O secretário de Obras Públicas, arquiteto Walter Pintos Riso, ocupou o mesmo cargo durante o governo anterior do presidente Jorge Pacheco Arco, e foi autor de importantes iniciativas para o desenvolvimento da infraestrutura do país.

Por sua parte, o titular de cultura, Julio Maria Sanguinetti, acaba de enviar às Câmaras um projeto de lei de Educação geral, mediante o qual o governo pretende reafirmar a laicidade, que considera afastada das escolas.

O setor político dirigido por Batlle tem também outros importantes cargos públicos, inclusive a direção do escritório de planejamento e orçamento, a presidência e vice-presidência do Banco Central, a direção dos bancos estatais da República de seguros e hipotecário, assim como das obras sanitárias e do conselho do menor.

O comitê executivo nacional do Partido Colorado e da agremiação de governo do setor "Unidade e Reforma", declarados em sessão permanente, continuaram hoje ativas consultas, em separado, para analisar a "crítica situação política do país".

O comitê executivo, órgão máximo do Coloradismo, estuda ao mesmo tempo a possibilidade de convocar a convenção do partido para considerar também o "apoio às autoridades nacionais legitimamente constituídas, a constituição e as instituições".

Por outro lado, a crescente agitação trabalhista que enfrenta o presidente Bordaberry, se agravará amanhã, quando os professores do ensino primário estatal iniciarem uma greve por tempo indeterminado em repúdio ao projeto de lei de educação geral atualmente em estudo nas câmaras.

A greve dos professores afetará cerca de 400 escolas, que, com uma população infantil de 200 mil crianças, são atendidas por quase 10 mil docentes.

Também os médicos, que hoje cumprem o último dia de uma semana de greve decidiram as novas medidas que adotarão pela situação de quatro colegas detidos em uma unidade militar, ainda que a Justiça Militar tenha decretado sua liberdade. Após interrogatórios a que estiveram submetidos em torno de supostas ligações com os tupamaros.

Este fato provocou outra grave crise político-militar, que procedeu a atual há dez dias, quando renunciaram o ex-titular de Defesa, Augusto Legnani, e o então comandante-chefe exercido general Florencio Gravina, ao não ser cumprida uma ordem ministerial de libertar os presos.

Arte está morta.



Jackson Pollock e Lee Krasner, sua mulher, em 1950, numa foto de Hans Namuth. Ao morrer, matando-se, provavelmente bêbado, num desastre de automóvel, na madrugada de 11 de Dezembro de 1956, aos 44 anos de idade, Pollock ingressou no rol dos grandes artistas trágicos, como Van Gogh. Aos 30 anos, mal conseguia vender um quadro por 1.500 dólares. Peggy Guggenheim veio e lhe deu forte mão mecenas. Poderia ter feito brilhante carreira no mercado de arte: seus quadros já começavam a alcançar a cota dos 15.000 dólares. Mas preferiu retirar-se para East Hampton, em Long Island, a ilha dos artistas de vanguarda dos anos 40 e 50. Ali, durante dez anos, trabalhando numa fúria suicida, sob a influência decisiva das "pinturas de areia", rituais e precárias, dos índios Navajos, criou a action painting, que revolucionou a sua própria pintura - até então fortemente marcada por Picasso, Miró e os surrealistas - e a pintura mundial. Realizara, no campo do informal, aquilo que Mondrian havia realizado no campo do racionalismo geométrico. Hoje, uma obra sua está na base dos 80.000 dólares.

Por coincidência, quando morria Jackson Pollock, inaugurava-se no Museu de Arte Moderna de São Paulo, a Primeira Exposição Nacional de Arte Concreta. À parte o fato de essa mostra haver lançado a poesia concreta, nacional e internacionalmente, revelou também, no pobre âmbito artístico brasileiro e latino-americano, um punhado de artistas notáveis. Transferida para o Ministério de Educação, no Rio de Janeiro, em fevereiro de 1957, alcançaria enorme repercussão, só comparável à da Semana de Arte Moderna, de 1922. Sob as denominações de arte concreta e neo-concreta, instaurava-se assim no Brasil um dos mais promissores movimentos de arte contemporânea, que acabaria por congregar mais de 30 artistas de primeira ordem. Suas pesquisas se elevaram ao nível do que havia de mais avançado na arte internacional, superando mesmo o recém-criado Groupe des Recherches Visuelles, de Paris, e nada ficando a dever, em importância cultural, aos artistas de uma forma ou de outra vinculados à Hochschule für Gestaltung (Escola Superior da Forma), de Ulm, Alemanha, cujo reitor-fundador era Max Bill. Mas o establishment tudo fez para liquidar com o movimento. E quase o conseguiu, em cinco ou seis anos de uma poda tão sistemática que mais parecia um complô nacional e internacional. Desencantados, dispersaram-se, isolaram-se aqueles artistas. Por ironia, nos inícios dos anos 60, o Groupe des Recherches Visuelles começou a ganhar projeção e a op art americana (arte construtiva com outro nome), seguindo a esteira da pop art, estendeu sua influência ao mundo todo. Os artistas construtivos brasileiros, porém, não só não morreram, como ampliaram e

diversificaram seu campo de pesquisas. E viram surgir, com renovadas esperanças, outros autênticos valores - ameaçados, como eles, de marginalização - representantes de todas as tendências válidas da arte contemporânea: nova figuração, nova objetividade, minimal art, arte sensorial, arte conceitual, arte povera etc. Morta, sim, - mas ainda não enterrada - está essa arte temática, moeda de câmbio das especulações que ora inflacionam o mercado de arte e cujas cotizações cairão inexoravelmente quando chegar a hora da verdade - quando o público comprador começar a exigir criação e invenção, distinguindo claramente a diferença entre qualidade artística e "assuntos" hidro-açucarados, doméstico-ferrosos, pseudo-folclórico-sociais, erótico-titilantes etc. etc. No Rio, em Belo Horizonte, em Nova York, em São Paulo, no Recife, em Milão ou em Porto Alegre, os artistas contemporâneos brasileiros - veteranos, novos e novíssimos - estão trabalhando de alma nova, porque a hora e a vez deles está aí. E a Ralph Camargo - a única galeria brasileira que trabalha programaticamente com arte contemporânea - está com eles.

A Ralph Camargo estará mostrando:
De 30 de Outubro a 17 de Novembro - Hélio Oiticica, com **Metaesquemas** do período neo-concreto (1957-58).
De 20 de Novembro a 8 de Dezembro - Mira Schendel, com **Através**. De 11 de Dezembro a 30 de Dezembro - Antônio Dias, com **Trips**. De 8 de Janeiro a 26 de Janeiro de 1973 - José Roberto Aguiar, com **Paisagens de Realidades Paralelas**.
Horário de 2 - a 6 - das 10 hs. às 12 hs. e das 14 hs. às 22 hs.
Sábados: das 10 hs às 14 hs.
Endereço: Alameda Ministro Rocha Azevedo 1335/te, 282-7701 São Paulo/5/SP/Brasil.

RALPH CAMARGO

dpignatari